

**NO SOBE E DESCE DAS LADEIRAS,  
SALVADOR CONTA A SUA HISTÓRIA**

*Marta Maria Gomes* (UNEB)

[gomes.marta@uol.com.br](mailto:gomes.marta@uol.com.br)

*Celina Márcia de Souza Abbade* (UNEB)

[celinabbade@gmail.com](mailto:celinabbade@gmail.com)

**RESUMO**

Estudar toponímia não é apenas adquirir conhecimentos históricos, sociais, geográficos, culturais, econômicos e políticos de uma região, mas também de um povo. Ao se estabelecer em um espaço físico-geográfico ou se tomar posse de um determinado local, o homem precisa nomeá-lo para garantir a localização espacial e identidade comunitária. No tocante a cidade do Salvador pretende-se estabelecer novas formas de relacionar os topônimos com a história da cidade, não como um palco para o desenrolar dos acontecimentos, e sim como elemento fundamental para a construção da trama histórica. A pesquisa em questão pretende enfocar Salvador a partir dos significados atribuídos aos territórios urbanos. Assim os topônimos escolhidos para o levantamento são os que designam as ladeiras, tão comum nessa cidade que se divide em alta e baixa e é entrecortada por ladeiras em quase todos os cantos. Será apresentado quatro ladeiras que interligaram a cidade do São Salvador no início do processo de colonização portuguesa em nossas terras: ladeira da Conceição, ladeira da Misericórdia, ladeira da Preguiça e ladeira da Montanha.

**Palavras-Chave:** Toponímia. Salvador. Ladeiras. História

**1. Introdução**

Cada cidade tem sua escritura, caligrafia inscrita nos muros, nas esquinas, na pátina que o tempo vai depositando aos poucos nos telhados. E os seus decifradores. (Mirian Fraga)

O objetivo deste artigo é relacionar os topônimos que designam as ladeiras da cidade do Salvador com a sua história. Os nomes das primeiras ladeiras utilizadas pela população soteropolitana no início da construção da cidade demonstram como o estudo dos topônimos e das informações que deles podem ser extraídas revelam importantes características do processo de formação da cidade. Buscou-se ainda analisar como os nomes são importantes para o resgate da memória e identidade de um povo.

Inicialmente, faz-se necessário explicitar a noção de toponímia, seguida de informações históricas sobre a cidade. A análise dos dados

coletados vem a seguir, com a tipologia, a classificação e a discussão a respeito dos nomes oficiais das ladeiras selecionadas.

O costume de batizar lugares compõe o hábito do homem desde os primórdios da civilização humana. Tem-se como exemplo, um dos livros da Bíblia, o Gênesis, que narra a criação do mundo e a história do povo hebreu em que o homem nomeou todos os seres que Deus lhe apresentou. Esse exercício assegura a orientação espacial e geográfica e, em alguns casos, a demarcação de posse do sujeito nomeador.

Estava se configurando, nesse momento, através do ato denominativo, a posse intelectual de uma espécie sobre as outras, através da manifestação simbólica da linguagem; o “dar nomes” e o “conhecer os nomes dados”, para os primitivos em geral, tinha, realmente, uma conotação própria, porque, pressupunha toda uma recorrência ao mecanismo de domínio do ente, cujo nome de batismo, o primeiro, clânico, por certo, se tornava público. (DICK, 1987, p. 97)

Os estudos toponímicos no Brasil têm início com as pesquisas do professor Carlos Drumond (1965), com o trabalho “Contribuição do Bororo à Toponímia Brasileira”. O projeto teve sequência sob a coordenação de Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick, propondo investigações sobre a toponímia da cidade de São Paulo que, posteriormente, levaram ao início do *Projeto Atlas Toponímico do Brasil* (ATB).

Dentre os assuntos que podemos englobar sob a rubrica geral de “estudos brasileiros”, um dos mais negligenciados tem sido, sem dúvida alguma, o referente aos nomes de lugares ou de acidentes geográficos. Oferecendo manancial riquíssimo e praticamente inexaurível, composto de vultosa série de nomes das mais diversas origens, é de se estranhar o pouco ou nenhum interesse que este ramo do saber tem despertado entre os nossos estudiosos. (DRUMOND, 1965, p. 13)

Atualmente a forma de “dar nomes” é o mesmo, pois tudo que surge vai sendo nomeado e tendo existência comprovada. Biderman (2001, p. 13) afirma que o léxico está estritamente relacionado ao processo de nomeação e à forma como concebemos ou entendemos a realidade. Em vista disso, o léxico de uma língua tem como função principal designar aquilo que se conhece no/do universo, pois, “ao dar nomes aos seres e objetos, o homem os classifica simultaneamente”. Assim, a nomeação da realidade pode ser considerada como a etapa primeira no percurso científico do espírito humano.

## XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

Ao se estabelecer em um espaço físico-geográfico ou se tomar posse de um determinado local, o homem precisa nomeá-lo para garantir a localização espacial e identidade comunitária. Dessa forma, por meio da toponímia, ramo de conhecimento da onomástica, se pode analisar a estreita relação que há entre o homem e os lugares que marcam o espaço que ele ocupa, isto é, pode-se analisar, entre outras, a relação que há entre língua, cultura, sociedade e natureza, manifestadas no processo de nomeação de logradouros.

O estudo da toponímia, como é concebido, representa mais do que a busca etimológica da origem dos nomes inscritos em um determinado código linguístico, principalmente quando se procura parâmetros para uma abordagem contrastiva. Pesquisas voltadas a essa meta costumam apresentar dificuldades mais do que certas. Implicam não apenas no conhecimento do meio em que os designativos se constroem como, muitas vezes, no conhecimento do meio próximo ou vizinho. Assim, a nomeação adquire uma função muito mais ampla, pois o que era arbitrário, em termos de língua, transforma-se, no ato de batismo de um lugar, motivado. Desta forma pode-se afirmar ser essa uma das principais características do topônimo. (DICK, 1990, p. 38)

O processo de nomeação dos logradouros não é feito de forma casual, já que o nomeador representa, nos topônimos, os elementos que deseja simbolizar, homenagear, perpetuar, memorizar. No primeiro momento dessa atividade, o ato é espontâneo, obedece-se às circunstâncias do tempo presente, mas quando esse lugar adquire *status* de município, cidade, vila ou bairro, o nome, quando não é mudado, deve se adequar às normas toponímicas estabelecidas por órgãos oficiais que podem ir da mais alta instância nacional, como é o caso do Governo Federal, à instância local, a exemplo do governo estadual e municipal. (MATOS, 2014, p. 15).

O estudo dos topos (lugares), objeto da toponímia, tem se tornado de grande importância para o conhecimento de aspectos histórico-culturais de um povo ou de uma região, pois permite que se identifiquem fatos linguísticos, ideologias e crenças presentes no ato denominativo e, posteriormente, à conservação ou não desses valores numa dada comunidade. Assim, o nome atribuído a um lugar ou a um acidente geográfico pode ser um componente que revele tendências sociais, políticas ou religiosas dos colonizadores e da época em que a nomeação ocorreu.

A onomástica, como parte do sistema comunicativo, terá condições de fixar ou retratar, de modo direto, os elementos indiciais prioritários da comunidade que analisa. Do ponto de vista da formação gramatical, o topônimo não pode ser considerado apenas como uma unidade léxica genérica porque recobre funções sintagmáticas, de verdadeiros enunciados modais.

Segundo Dick (1990), o topônimo é o vínculo existente entre o objeto denominado e o denominador, pois é a partir desse produto gerado que será possível recuperar as motivações semânticas que influenciaram o homem no ato da nomeação, já que suas percepções ficam registradas nos elementos linguísticos que constituem o topônimo.

Partindo desse pressuposto, Dick estabeleceu um quadro taxonômico que apresenta classificações possíveis de enquadrar os topônimos brasileiros, baseando-se em motivações físicas (aspectos geográficos) e antropoculturais (referentes ao meio social, cultural ou a aspectos psíquicos). A autora percebendo a necessidade de uma terminologia científica que abrangesse a nomenclatura da geografia do Brasil publicou em 1975 um primeiro modelo taxonômico com dezenove taxes (DICK, 1990) e, em 1980, diante da necessidade de ampliar o sistema classificatório dos topônimos brasileiros, o quadro ganhou mais oito taxes, chegando ao total de vinte e sete.

Os estudos com base no quadro taxonômico visam a uma análise sincrônica, dispensando um retorno histórico para que a significação da denominação seja alcançada. As verificações semânticas são feitas com base no material linguístico, o que em muito favorece as pesquisas toponímicas, pois dispensa a presença do denominador, o que nem sempre é possível, não só pelo distanciamento cronológico do ato da nomeação até o período da análise, como também pela dificuldade em realizar uma tarefa investigativa, *in loco*, quando se trata de uma área de pesquisa muito ampla, como no caso da formulação dos atlas toponímicos. (ALMEIDA, 2013, p. 60)

Os topônimos, neste trabalho, constituídos pelos nomes das ladeiras de Salvador, são exemplos que dão pistas do processo motivador de nomeação do signo, no sistema denominador, inclusive na própria estrutura, caracterizando o objeto nomeado.

Pretende-se estabelecer novas formas de relacionar os topônimos com a história da cidade, não como um palco para o desenrolar dos acontecimentos, e sim como elemento fundamental para a construção da tra-

## XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

ma histórica, levando à reflexão sobre a atuação dos moradores no seu espaço geográfico.

A pesquisa em questão pretende não focar Salvador pelo viés dos seus lugares instituídos, mas a partir dos significados atribuídos aos territórios urbanos. Nesta pesquisa, os topônimos escolhidos para o levantamento são aqueles que designam as primeiras ladeiras, acidentes tão comuns nessa cidade, que desde a sua formação, se divide em cidade alta e cidade baixa, logo, entrecortada por ladeiras em quase todos os cantos.

### 2. *Contextualização histórica da cidade do Salvador*

**A cidade não conta o seu passado, ela o contém  
como as linhas da mão, escrito nos ângulos das ruas.  
(Italo Calvino)**

Recém-saído da Idade Média, Portugal via-se motivado, por diversas circunstâncias, a buscar além-mar espaço territorial e riquezas. Os legítimos representantes do reino levaram para as suas colônias, inclusive o Brasil, costumes feudais e hábitos profundamente católicos, que se refletiam nas divisões de classes sociais e no ordenamento urbano, construído quase sempre no entorno de edificações religiosas. (DOREA, 2006, p. 275)

Dórea (2006, p. 275) acrescenta que no primitivo sítio da cidade do Salvador, localizado em áreas nomeadas a partir da presença de alguma construção, pertencente a uma das muitas ordens religiosas que se instalaram dentro dos seus limites, havia ruas batizadas a partir de uma única profissão, que era a mesma exercida por todas as pessoas que ali moravam. Um costume tipicamente medieval.

Desta forma pode-se afirmar que a toponímia de uma cidade está diretamente relacionada à sua constituição inicial, enquanto aglomerado urbano e, estudar estas relações, reconhecer suas manifestações e mudanças com o passar do tempo, pode contradizer a ideia de que o signo topônimo é empírico e arbitrário, podendo revelar muito de uma época.

Em 1714, os padres iniciaram a construção dos Cobertos Grande, do Meio e Pequeno, assim chamados pelas arcadas existentes em frente ao pavimento térreo dos sobrados que serviam para abrigar pequenos comerciantes.

Descrevendo, em 1866, essa parte da cidade que até hoje é uma importante zona da capital baiana, seja pela arquitetura dos casarões, seja pela história, Moraes (1866) apresenta importantes detalhes nos seus registros que são duas ruas dedicadas à profissionais de um mesmo ofício: Ourives e Algibebe (DÓREA, 2006, p. 37). Estas ruas estão localizadas no bairro do Comércio.

Segundo Tavares (1974, p. 93) Salvador foi a primeira cidade realmente fundada como cidade no Brasil. Antes de 1549, existiam vilas criadas pelos donatários das capitanias hereditárias ao longo da costa brasileira.

Em sua dupla condição de cidade-fortaleza, centro administrativo e entreposto comercial, Salvador cresceu em dois planos: na cidade baixa, o bairro da praia, com ribeira das Naus e as casas do comércio; na parte alta, os bairros de São Bento (incluindo Sé), Palma, Desterro, Saúde e Santo Antônio Além do Carmo. (TAVARES, 1974, p. 95)

A cidade do Salvador, a mais antiga capital do país, foi fundada sob o símbolo militar dos fortes, tendo em vista o controle do território pelos colonizadores portugueses. O critério militar era estrategicamente defensivo.

Fundada por Tomé de Souza, em 1549, Salvador está situada entre o mar e as colinas da Baía de Todos os Santos. Sua organização assemelha-se às cidades do Porto e Lisboa (Portugal), com forte caráter defensivo, próprio ao século XVII.



**Mapa da cidade do Salvador, na primeira metade do século 17. Fonte:**

<http://www.ibahia.com/a/blogs/estrelas/2015/03/29/aniversario-de-salvador-466-anos>

## XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

Primeira cidade fundada no Brasil, Salvador teve desde o início a missão de ser polo de colonização da América Portuguesa e o polo econômico da cana-de-açúcar e do tabaco. Sediou o governo geral até 1763, quando a capital da colônia foi transferida para o Rio de Janeiro.

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a população estimada em 2014 era 2.902.927 pessoas, sendo o município mais populoso do Nordeste, o terceiro mais populoso do Brasil e o oitavo da América Latina.

A cidade do Salvador já foi chamada de Bahia, inclusive por moradores do próprio estado. Também já recebeu alguns epítetos, como o de "Capital da Alegria", devido aos enormes festejos populares como o carnaval, e "Roma Negra" por ser considerada a metrópole com maior percentual de negros localizada fora da África.

Do alto, hoje nomeado como Cidade Alta, semelhante a um mirante, era possível a observação permanente da entrada da Baía de Todos os Santos, com finalidade de precaver e dificultar o acesso de invasores ao "centro" da cidade, também com caráter logístico.

A divisão da cidade em dois planos deve-se à existência de um despenhadeiro, relativo a uma falha geológica de Salvador, fato que possibilitou a divisão da cidade em dois planos e, a um só tempo, repartiria as atividades: no alto, a Cidade Alta se consolidaria em local de moradia, de comércio a varejo e das atividades político administrativas. No declive da encosta, a Cidade Baixa, era onde se desenvolviam os locais de trabalho, do comércio por atacado e das intensas atividades portuárias.

Desobedecendo aos princípios comuns do urbanismo das cidades construídas somente em superfícies planas, a Bahia tinha sido edificada sobre montanhas, vales e baixios, fato que concorreu para se lhe surgirem aspectos singulares, sendo por isso a cidade mais original do Brasil. A capital apresenta três planos, o baixo, o alto e o médio, sendo conhecida pela cidade dos três andares. Os três planos formam outras tantas cidades, possuindo comércio e vida próprios e se comunicam por ladeiras, arcos, viadutos, ruas e avenidas. (TORRES, 1950, p. 12)

Ao longo do seu desenvolvimento e expansão demográfica, ocorreria a ocupação das áreas da própria escarpa, principal elo entre as áreas alta e baixa. Tal separação geomorfológica, contudo, implicaria em um impedimento à articulação entre os dois níveis, com contratempos à mo-

bilidade da população e, em particular, à elite que residia na parte alta da cidade, mas mantinha atividades empresariais na parte baixa.

Era evidente a necessidade de criar meios de comunicação e deslocamento entre as autoridades governamentais, que ocupavam a cidade alta, e as atividades comerciais, abaixo da montanha e de transporte para os mais variados tipos de mercadorias que chegavam ao porto, ou nele seriam embarcadas.

Para resolver o problema do desnível conferido pela geomorfologia do terreno, foram construídos pelos jesuítas os primeiros guindastes (que se tornariam os planos inclinados) movidos, então, pelo esforço da mão de obra escrava. Foram abertos, também, tortuosos caminhos e ladeiras, além de rampas e escadarias que possibilitariam, ao longo da encosta, as rotas para o percurso da população, inclusive, dos homens de negócios.

Obtinha-se, desse modo, o resultado necessário ao primeiro sistema de circulação e transporte de pessoas e mercadorias na Salvador do século XVI.

Na Salvador de hoje, o Decreto Nº 7.791/87 criou as Regiões Administrativas (RA). Em 2004, a nova lei do Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano (PDDU) delimitou as divisões atuais das RA em 18 Regiões Administrativas, as quais são: RA I – Centro; RA II – Itapagipe; RA III – São Caetano; RA IV – Liberdade; RA V – Brotas; RA VI – Barra; RA VII – Rio Vermelho; RA VIII – Pituba/Costa Azul; RA IX – Boca do Rio/Patamares; RA X – Itapuã; RA XI – Cabula; RA XII – Tancredo Neves; RA XIII – Pau da Lima; RA XIV – Cajazeiras; RA XV – Ipitanga; RA XVI – Valéria; RA XVII – Subúrbios Ferroviários e a RA XVIII – Ilhas de Maré e dos Frades.

As ladeiras que serão apresentadas neste trabalho, estão situadas na Região Administrativa I (RA I) – Centro, contendo os seguintes bairros: Comércio; Barbalho; Santo Antônio; Macaúbas; Saúde; Centro Histórico; Nazaré; Tororó; Barris; Centro e Garcia.



3. *Salvador e as ladeiras*

Ladeiras que só interessam a ti e a mim  
Eu subo e descubro que a vida é feito ladeiras  
No seu sobe e desce contínuo  
Princípio e o fim.

(Alceu Valença)



Fonte: Centro Interdisciplinar de Desenvolvimento e Gestão Social (CIAGS)  
<<http://www.gestaosocial.org.br>>

Desde os primórdios de sua fundação a cidade do Salvador enfrentou problemas de ligação entre a cidade Alta e Baixa, separados por um desnível que chega, em alguns trechos, a 100 metros. Isto, provavelmente, se deve ao fato da cidade ser planejada para ser uma fortaleza, um complexo militar – urbano. Este posicionamento implicava na necessidade de superar o desnível existente entre a parte alta e baixa, até então limitada à praia da Ribeira na Cidade Baixa e na parte alta a uma praça, com meia dúzia de ruas (DÓREA, 2006, 56). Logo de início recorreram-se às ladeiras, onde se registrava intenso movimento de pessoas e cargas.

Da ladeira do Pepino chega-se a Brotas, um dos bairros mais populosos da capital baiana. Lá também tem a ladeira do Acupe e a dos Galés. Há também a ladeira do Boqueirão e a do Carmo, no Santo Antônio Além do Carmo, e mais embaixo, no Pelourinho, a ladeira do Taboão. Tem a ladeira do Pau Miúdo, no bairro de mesmo nome, ou a do Pau da

Bandeira, no centro. Tem a Quebra Bunda, a dos Barris, a da Curva Grande, a da Fonte e a de Santa Cruz etc. (SANTANA, 2013)<sup>104</sup>

Segundo Dórea (2006, p. 45), Salvador foi e sempre será, por imposição topográfica, uma cidade de ladeiras. Este destino foi previsto pelo Mestre de obras Luís Dias quando dissera que “muitas casas podem fazer nestas ladeiras se isso houver de ir adiante”. E foi adiante, surgindo, assim, as quatro primeiras ladeiras da cidade recém-nascida que irão compor o corpus deste trabalho: ladeira do Carmo, da Praça, da Conceição e da Preguiça. Muitas dessas ladeiras, muitas vezes caminhos escadados, facilitavam a subida e descida da população.

[...] sair de casa, nas cidades brasileiras dos princípios do século XIX, tinha o seu quê de aventura. Tudo escuro; becos estreitos; poças de lama; “tigres” estourados no meio da rua; bicho morto. Na Bahia, [...] ladeiras por onde o pé escorregando em alguma casca de fruta podre, a pessoa corria o risco de ir espapaçar-se nas pedras e até perder-se em despenhadeiros. De modo que o prudente era sair-se com um escravo, levando uma luz de azeite de peixe que alumiasse o caminho, a rua esburacada (FREYRE, 1968, vol. 1, p. 40).

Dialeticamente, esses espaços ou estruturas trazem em seu bojo uma dinâmica determinada e determinante, na mesma medida em que sofrem influências e, portanto, modificações de seus atores, devendo ser entendidos e relacionados no conjunto social. Ademais, segundo Bourdieu (1997) os acidentes geográficos são espaços de sociabilidade e elementos profundamente ligados à memória social.

A ladeira da Conceição da Praia conta a história da mobilidade urbana, no início da fundação de Salvador, quando Tomé de Souza chegou em navios portugueses com tropas armadas e em formação de batalha em frente ao local onde hoje fica a igreja da Conceição da Praia. Em 1549 foi armado um acampamento e se preparou a subida para o alto da escarpa onde hoje está o núcleo inicial da povoação de Salvador, com a área comercial e portuária rente à praia e a área residencial e administrativa protegida de ataques pelos 72m de parede de rocha maciça.

Outra ladeira que merece destaque é a ladeira da Misericórdia, considerada uma das zonas de contato desde as primeiras décadas de

---

<sup>104</sup> Informação veiculada pelo G1, em 29/03/2013, em homenagem aos 464 anos da cidade de Salvador. Reportagem de Eni Santana. Disponível em: <<http://g1.globo.com/bahia/noticia>>.

## XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

existência de Salvador. A ladeira tangenciava os fundos da igreja e da Santa Casa de Misericórdia, da qual tomou o nome.

Destaca-se, também, a ladeira da Preguiça construída com a finalidade de transportar mercadorias, procedentes de diversas partes da Baía de Todos os Santos Cidade Baixa para abastecer as pessoas que moravam na Cidade Alta. Os saveiros aportavam na enseada da Preguiça e os escravos conduziam no lombo as diversas mercadorias trazidas.

A ladeira da Montanha, oficialmente, ladeira Barão Homem de Melo, é considerada recente, se cronologicamente for comparada com as demais citadas nesse artigo. Seu projeto de implantação – com o nome de 'Rua da Montanha' – foi elaborado em 1873 pelo engenheiro Francisco Pereira Aguiar, mas só seria aprovada cinco anos mais tarde. A construção foi concluída em 1885, momento em que Salvador passava por um momento de expansão comercial. A ladeira da Montanha foi escavada na dura rocha da falha geológica de Salvador e sustentada por estruturas em arcos, que podem ser observadas na ladeira da Conceição, para ser mais uma via de ligação da cidade. Seu ângulo menos incisivo facilitaria a subida dos bondes puxados a burro, coisa que seria impossível em outras ladeiras mais íngremes.

Merece ser destacado que o desenvolvimento da cidade de Salvador se deu em função da sua topografia e da falha geológica, anteriormente evidenciada, sendo caracterizada por suas subidas e descidas.

Os habitantes subiam as ladeiras, lenta e penosamente, ou alugavam na parte baixa da ladeira da Misericórdia, um cavalo, que pela quantia de 80 (oitenta) réis, conduzia o transeunte até a Praça do Palácio, onde logo que se apeava o cavaleiro, o animal voltava por si mesmo, pelo costume de fazer somente aquela viagem. (AMARAL, 1911, p. 69)

Na Cidade Alta, o mestre Luís Dias faria erguer uma muralha a fim de cercar o núcleo urbano inicial. Desde então, mesmo bastante íngremes, duas ladeiras se mostrariam indispensáveis para os trabalhos de construção do núcleo matriz e para a comunicação de pessoas e coisas, interligando as partes baixa e alta da Cidade: ladeira da Conceição e ladeira da Preguiça.

Salazar-Quijada (1985, p. 33) leva em consideração a dimensão histórica do topônimo. Para ele, por meio dos estudos toponímicos pode-se reconstruir a vida de um povo: sua cultura, seus movimentos migrató-

rios, aspectos linguísticos, aspectos da vida social e espiritual das pessoas que habitam ou habitaram uma determinada região.

Sob esta ótica, pode-se afirmar que as ladeiras da capital baiana revelam a história da cidade que nasceu no alto, para ser fortificada. Elas eram, também, os acessos primordiais para a condução de material de construção, alimentos e outros tipos de produtos. Posteriormente, foi instalado o Guindaste dos Padres que ajudou bastante na recepção de mercadorias pesadas vindas do porto, iniciando a expansão da cidade.

O arquiteto e professor Gustavo Pinheiro explica porque a cidade de Salvador começou a ser desenvolvida nas partes mais altas:

Começou por cima porque como era uma cidade fortificada, construir na cidade alta era mais seguro, para no caso de possíveis invasões. A partir daí o desenvolvimento continuou, a princípio no alto, pela facilidade em seguir com as construções nos lugares onde já estava habitado. Daí a quantidade de edificações antigas no Corredor da Vitória, no Campo Grande, e no Centro em geral. (SANTANA, 2013)<sup>105</sup>

### 3.1. As ladeiras e a história: análise toponímica

A seguir, apresentam-se os topônimos que designam as ladeiras, construídas no início do processo de colonização portuguesa, para ligar a Cidade Baixa à Cidade Alta, organizados em fichas lexicográfico-toponímicas. A ficha é uma adaptação de Dick (1992), com o significado das taxas de acordo com a motivação semântica de cada topônimo, elaborada com a finalidade de melhor descrever e estudar as ladeiras soteropolitanas.

<b>Topônimo:</b> <i>ladeira da Conceição</i>	<b>Taxionomia:</b> Hierotopônimo
<b>Município:</b> Salvador (Microrregião MRG 021: Salvador Mesorregião: MESO 05: Metropolitana de Salvador)	
<b>Etimologia:</b>	Do latim <i>conceptus</i> 'fruto, concepção'
<b>Entrada Lexical:</b> ladeira da Conceição	
<b>Estrutura Morfológica:</b> Elemento composto (substantivo feminino singular + contração + Substantivo feminino singular)	

---

<sup>105</sup> Informação veiculada pelo G1, em 29/03/2013, em homenagem aos 464 anos da cidade de Salvador. Reportagem de Eni Santana.

## XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

Contexto Histórico/ Informações Enciclopédicas
<p>A ladeira da Conceição, construída por Filipe Guilhem em 1549, tinha início na Praça do Palácio – hoje, Praça Municipal ou Tomé de Sousa, na qual ainda podem ser observados diversos estilos arquitetônicos – descia pela encosta até o ponto correspondente ao Baluarte (ou Forte) de São Tomé, onde mudava de direção, continuando até um ponto próximo à ermida, hoje igreja de Nossa Senhora da Conceição da Praia. Vale ressaltar que essa santa é a padroeira da Bahia.</p>

Topônimo: <i>ladeira da Misericórdia</i>	Taxionomia: Hierotopônimo
<p><b>Município:</b> Salvador (Microrregião MRG 021: Salvador Mesorregião: MESO 05: Metropolitana de Salvador)</p>	
<p><b>Etimologia:</b> Do lat. <i>miseriçordia</i>, de <i>miseriçors-dis</i>, <i>miser</i> + <i>cor</i> –<i>dis</i> ‘coração’.</p>	
<p><b>Entrada Lexical:</b> ladeira da Misericórdia</p>	
<p><b>Estrutura Morfológica:</b> Elemento composto (substantivo feminino singular + contração + Substantivo feminino singular)</p>	
Contexto Histórico/Informações Enciclopédicas	
<p>Considerado um dos topônimos mais antigos em uso na cidade. Na época em que Tomé de Souza iniciou as obras de construção de Salvador era o caminho localizado ao norte da Praça do Palácio, e por ele subiam carros, transportando mercadorias oriundas da praia (DÓREA, 2006, p. 88)</p> <p>O batismo “ladeira da misericórdia” se deve pela presença ali, desde os primeiros tempos da fundação de Salvador, da igreja e hospital da Santa Casa de Misericórdia.</p>	

Topônimo: <i>ladeira da Preguiça</i>	Taxionomia: Animotopônimo
<p><b>Município:</b></p>	<p>Salvador (Microrregião MRG 021: Salvador Mesorregião: MESO 05: Metropolitana de Salvador)</p>
<p><b>Etimologia:</b></p>	<p>Do latim <i>pigrítia</i> ‘aversão ao trabalho’.</p>
<p><b>Entrada Lexical</b></p>	<p>Ladeira da Preguiça</p>
<p><b>Estrutura Morfológica</b></p>	<p>Elemento composto (substantivo feminino singular + contração + Substantivo feminino singular)</p>
Contexto Histórico/ Informações Enciclopédicas	
<p>A <i>ladeira da Preguiça</i> foi uma das três primeiras ladeiras construídas em Salvador (provavelmente, já no século XVII), após a abertura das ladeiras da Misericórdia e da Conceição. Cumpria então o papel de ligar o Porto da cidade à Cidade Alta.</p> <p>O seu batismo origina-se do tempo em que as poucas ladeiras existentes entre as partes baixa e alta da cidade eram caminhos usados para transportar as mercadorias do porto pa-</p>	

ra abastecimento da população. De maneira irônica foi então batizada pela população e os feitores como ladeira do Tira Preguiça, depois, pela “preguiça” comum à língua falada pelo povo, que em muitos casos – como este – ao suprimir uma palavra chega mesmo a desfazer o significado histórico original de um topônimo, ficou sendo apenas a ladeira da Preguiça (DOREA, 1999 p. 52).

Por essa ladeira passavam escravos que conduziam mercadorias oriundas dos navios. Os feitores e moradores da região, referindo-se aos escravos que subiam com altos fardos sobre as costas, proferiam frases do tipo “sobe preguiça”. Consta também, que eram ditos pelos escravos que após subirem a ladeira “dava preguiça”.

<b>Topônimo:</b> <i>ladeira da Montanha</i>	<b>Taxionomia:</b> Geomorfotopônimo
<b>Município:</b> Salvador (Microrregião MRG 021: Salvador Mesorregião: MESO 05: Metropolitana de Salvador)	
<b>Etimologia:</b> Do latim <i>montaneus</i> , “relativo a uma elevação”, de <i>mons</i> , “montanha”	
<b>Entrada Lexical:</b> ladeira da Montanha	
<b>Estrutura Morfológica:</b> Elemento composto (substantivo feminino singular + contração + Substantivo feminino singular)	
<b>Contexto Histórico/Informações Enciclopédicas</b>	
<p>Uma das principais ligações entre a Cidade Alta e a Cidade Baixa, a ladeira foi construída pelo chefe de obras do exército, o Marechal de Campos, Francisco Pereira de Aguiar e ficou pronta em 1885. Mais conhecida pelo nome popular, a ladeira da Montanha foi oficialmente intitulada de Barão Homem de Melo, em referência ao então presidente da província, que solicitou a construção. Antes da construção da ladeira da Montanha, já havia ligação entre a Cidade Alta e Baixa com as ladeiras da Preguiça, Conceição, Misericórdia e Taboão, mas todas eram muito íngremes. A historiadora Antonieta Nunes explica que o povo passou a reclamar por conta do cansaço que sentia ao subir essas ladeiras e pediu ao Barão Homem de Melo a construção de uma nova ladeira. A ladeira foi escavada na rocha, com extensão de 661,9 metros, ligando a então "rua dos Ourives" ao "Largo do Teatro", atual Praça Castro Alves, onde ficava localizado o Teatro São João<sup>106</sup>.</p> <p>As encostas da ladeira da Montanha além do referencial histórico, guardam muito da memória socioantropológica da cidade. As famosas “casas de tolerância” do passado apesar da triste condição social de seus moradores, eram recantos de boemias da velha Bahia. Os casarões que abrigavam “mulheres da vida” em tempos passados foram verdadeiros espaços democráticos, já que recebiam pessoas de todas as classes sociais. (DÓ-REA, 2006, p. 228)</p>	

<sup>106</sup> Informação veiculada pelo G1, em 23/03/201, em homenagem aos 466 anos da cidade de Salvador. Reportagem de Maiana Belo.

### 4. *Considerações finais*

Salvador, a cidade da Bahia, terra da alegria, de grandes belezas, inspiração de muitos poetas, autores, compositores que cantam em verso e prosa seus encantos e mistérios. Cidade que atrai quem a visita e se revela através dos nomes de suas ruas, ladeiras, largos, avenidas, bairros, praças, becos e vielas, seduzindo moradores e visitantes. Cada logradouro conta uma história, que se transporta para o passado e no presente revela emoções que só quem transita pela cidade pode sentir.

No sobe e desce das ladeiras, consideradas as artérias pulsantes do coração da cidade, é possível constatar a importância histórica e contemporânea desses acidentes geográficos presentes em toda capital baiana. É possível, também, identificar na Salvador do século XXI marcas, heranças e legados dos séculos passados, convivendo com as novas formas e tecnologias produzidas pela sociedade contemporânea. Mas as ladeiras permanecem fundamentais no cotidiano da cidade de São Salvador da Bahia.

As ladeiras da cidade do Salvador são linhas que interligam diversos pontos da cidade, unindo-os num todo, onde ao longo do tempo seus moradores deixaram a sua marca, e sua identidade cultural. As ladeiras tradicionais, objeto desse trabalho, refletem a trama do tecido urbano histórico, tanto no nível físico quanto cultural, transmitida de geração em geração que, de certa forma, personificou a cultura urbana da cidade.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, Braz Hemenegildo do. A fundação da Bahia. *Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia*, Salvador, n. 36, 1911.

ALMEIDA, Lana Cristina Santana de. *Contribuições da semiótica aos estudos toponímicos: estudo de caso dos topônimos das comunidades rurais de Santo Antônio de Jesus*. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/21781/12562>>. Acesso em: 13-10-2014.

BELO, Maiana. *Dos arcos da "Conceição" à ladeira da Montanha, contos marcam história*. Disponível em: <<http://g1.globo.com/bahia/salvador-466-anos/noticia/2015/03>> Acesso em: 10-04-2015.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*, 2. ed. Campo Grande: UFMS, 2001.

BOURDIEU, Pierre. É possível um ato desinteressado? In: \_\_\_\_\_. *Razões práticas*. Campinas: Papirus, 1997.

DICK, Maria Vicentina P. A. *Toponímia e antroponímia do Brasil: coletânea de estudos*. 3. ed. São Paulo: Serviço de Artes Gráficas da FFLCH/USP, 1992.

\_\_\_\_\_. *A motivação toponímica e a realidade brasileira*. São Paulo: Arquivo do Estado, 1990.

\_\_\_\_\_. *Toponímia brasileira: os estudos que faltam. Toponímia e Antroponímia no Brasil. Coletânea de estudos*. 2. ed. São Paulo: FFLCH/USP, 1990.

DRUMOND, C. *Contribuição do bororo à toponímia brasileira*. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros/USP, 1965.

DÓREA, Luiz Eduardo. *Histórias de Salvador nos nomes das suas ruas*. Salvador: Edufba, 2006.

FERREIRA, A. B. H. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FREYRE, Gilberto. *Sobrados e mucambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano*. 4. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1968, 2 vol.

LAPLANTINE, François. *Aprender antropologia*. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.

MATOS, Heloisa. *Análise toponímica de 81 nomes de bairros de São Luís (MA)*. 2014. Tese (de Doutorado). – UFC, Fortaleza.

TAVARES, Luiz Henrique Dias. *História da Bahia*. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1974.

MATTOSO, Katia de Queirós. *Família e sociedade na Bahia do século XIX*. Trad.: James Amado. São Paulo: Corrupio; Brasília: CNPq, 1988.

SALAZAR-QUIJADA, A. *La toponímia en Venezuela*. Caracas: Universidad Central de Venezuela, 1985.



## XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

SALVADOR. *Guia do turista*. Disponível em: <<http://www.guiadoturista.net/bahia/salvador.html>>. Acesso em: 10-05-2015.

SANTANA. Eni. *Da Montanha ao Pepino*: veja causos e histórias das ladeiras de Salvador. Disponível em: <<http://g1.globo.com/bahia/noticia>> Acesso em: 20-08-2014.

TORRES, Carlos. *Vultos, fatos e coisas da Bahia*. Salvador: Imprensa Oficial da Bahia, 1950.